

Paris, 28 de Abril de 1949

Meu caro Pinto Quartim:

Recebi o teu bilhete de 12, a que só agora respondo, por ter andado bastante acabrunhado nos últimos <sup>dias</sup>. Uma das causas é um eczema que me atacou o pescoço e nuca. Sabes o que isso é. Outra é a demora em receber o que o jornal me manda. Para armar em esperto, pedi ao rapaz da Secretaria que recebesse em escudos e me mandasse, por vias indirectas, entregar aqui francos. A coisa deu bom resultado quanto a Janeiro, mas os vencimentos de Fevereiro só chegaram a 28 de Março e os de Março só ontem os recebi. Enquanto não chegam vivo numa verdadeira inquietação, com receio de que haja extravio ou apreensão e não possa pagar aquilo que vou pedindo para me manter, visto não ter reservas. Tu não sabes o que isto é.

Pelo que me dizes da minha afilhada, vejo que sabes bem o que se passa comigo. Mas o teu caso difere em ela ter pressentido uma certa oposição em ti, e ao menos sabes dela. Eu não fiz oposição nenhuma, não formulei nenhuma censura nem manifestei desagrado. Mandeilhe um telegrama a felicitá-la e depois disso nunca mais tive notícias. Porquê? Que mal lhe fiz, depois daquele de, há 12 anos, não viver com a mãe, mal este que aliás não a impediu de se corresponder comigo e me ~~ter~~, indo mesmo passar dias comigo ao Porto? Eis o que não compreendo.

Vejo que pagaste generosamente o livro do Anquetil, que aliás já não te interessava. Se o querias pagar, bastavam uns 20\$00, mas poderias muito bem admitir que to oferecia. Lá estar em baixo de fundos, estou, mas não ao ponto de chorar duas centenas de francos, que pouco mais é do que um maço de cigarros americanos. Não sei se já te disse que em consequência das coisas que escrevi sobre a eleição, me despediram do tal pasquim de Santos, imediatamente após me terem confirmado uma colaboração regular de quatro larachas por mês. Posso mandar outro livro que desejes, para completar a soma.

Recebi as crónicas da tal Agência e a carta do Machado, a que vou responder. Pelo que me diz, mexeu-se, mas esses senhores ainda estão na fase da tesoura e cola. Não digo que o preço não fosse elevado, sobretudo por a France Presse e a Embaixada francesa fa-

zerem uma concorrência desleal a quem trabalha, oferecendo de graça, ou quase, a colaboração. Era inutil devolver os papeis, pois tinha-te dito até que poderias enviá-los para a Africa, a ver se algum jornal de lá lhes pegava. Evidentemente que não pegaria. Se o jornal do José de Freitas transcreveu a "Bola de Neve", foi por ser uma bola de borla, com trabalho apenas de cortar e colar. Muito lisongeadado por ser lido pelos pretos, ficaria ainda mais grato se um pasquim desses me aceitasse colaboração e a pagasse.

Vou escrever ao Campos Lima a responder a umas perguntas que me faz. Espero que o Oliveira da Secretaria já te tenha mandado os escudos para ele, embora o envio dos tais fascículos se tenha perdido pelos escaninhos do jornal.

Hoje ou amanhã deve seguir para aí o Pardal, da Revista "Turismo", que encontrei aqui em casa do Agostinho das Neves. Por ele mandei três tubos do remédio destinado ao irmão do Dr. Vasconcellos e Sá. Disse-lhe para tos entregar, pois tu lhe darias destino. É o que te peço. Creio que o comandante Vasconcelos e Sá tem telefone. Por isso, quando receberes os tubos, tem paciência e avisa a família para os mandar buscar.

Tem paciência ainda e faz chegar às mãos do César dos Santos a carta junta, escrita há tempo, mas ainda não remetida por não ter cá o endereço dele

Tens tido notícias do Correia de Sousa? Recebi há tempos uma carta dele em que me dizia ter atravessado uma crise, mas que não dissera nada aos amigos, todos julgando que ia melhor. Ao escrever-me dizia já estar refeito. Mandou-me versos da sua autoria. Caí das nuvens. Por causa dos versos ou do que terei de dizer acerca deles, tenho adiado a resposta.

Obrigado por teres remetido para o Porto os livros que mandei assim como o que te deu a Gilberta. Imagina que essa também escolheu esta altura para cortar relações comigo. Escrevera-me a dizer que a informasse quando ia aí o Director, para lhe entregar pessoalmente o livro. Era isso precisamente que eu não queria, pois o livro fora-me confiado a mim para controlar a tradução e só lho deixei a ela para lhe facilitar a tarefa. Escrevi-lhe conjurando-a a que não o fizesse e, blagueando, disse-lhe que não seria por meu intermédio que faria a conquista do patrão. Pois escreveu-me um seco bilhete a dizer-me que a insultava e não voltasse a escrever-lhe! Que ela não regulava bem já eu sabia, mas supunha que não estivesse "infelizmente louca".

Adeus, meu velho. Cumprimentos aos teus e lembranças aos amigos e camara

das. Um grande abraço do

*camaradas e amigos meus  
despedida e gratidão  
Lima*